Lição 14: A Necessidade da Virtude

> *Se, pois, tanto sobre estas coisas quanto sobre as virtudes, e ainda sobre a amizade e o prazer, foi dito suficientemente em esboço, deve-se considerar que nossa escolha tem seu fim? [2137]*
>
> *Ou, como se diz, nas coisas operáveis o fim não é contemplar cada uma e conhecê-las, mas antes operá-las mesmas. Nada, pois, basta saber sobre a virtude, mas deve-se tentar tê-la e usá-la, ou, se de algum outro modo nos tornarmos bons. [2138]*
>
> *Se, pois, os discursos por si sós fossem suficientes para tornar os homens diligentes, com justiça receberiam muitos e grandes salários segundo a arte, e conviria conceder-lhes tais recompensas. Agora, porém, os discursos parecem ser capazes de exortar e mover os jovens liberais, e de tornar um caráter nobre e, como que verdadeiramente amante do bem, apto a ser tomado pela virtude; a muitos, porém, não são capazes de exortar à bondade; pois estes não nasceram para obedecer ao pudor, mas ao temor, nem para afastar-se das coisas más por causa do que é torpe, mas por causa das penas; pois, vivendo segundo a paixão, perseguem os prazeres próprios, pelos quais estas próprias paixões existirão, e fogem das tristezas opostas, mas do bem e do que é verdadeiramente deleitável não têm nem sequer noção, não sendo capazes de o degustar. A tais homens, que discurso poderia transformar? Pois não é possível, ou não é fácil, transmutar pelo discurso aquilo que desde há muito foi apreendido pelos costumes. [2139]*
>
> *É de estimar, talvez, se, existindo todas as coisas pelas quais parecemos tornar-nos honestos, alcançarmos a virtude. Ora, uns julgam que os homens se tornam bons por natureza, outros por costume, outros por ensino. Quanto ao que é da natureza, é manifesto que não está em nosso poder, mas existe por alguma causa divina naqueles que verdadeiramente têm boa fortuna. O discurso e o ensino, porém, talvez nem sempre tenham força em todos, mas é preciso que a alma do ouvinte esteja preparada pelos costumes para bem alegrar-se e odiar, como a terra que nutre a semente. Pois não ouvirá o discurso que admoesta nem o compreenderá aquele que vive segundo a paixão; e a quem assim se acha, como é possível persuadir? De modo geral, a paixão não parece ceder ao discurso, mas à violência. Convém, pois, que preexista de algum modo um*

> *caráter próprio da virtude, amante do bem e que despreza o que é torpe. [2143]*
>
> *Desde jovem, obter uma reta condução para a virtude é difícil se não se foi nutrido por tais leis. Pois viver temperada e perseverantemente não é deleitável para muitos, sobretudo para os jovens. Por isso, convém que a nutrição e as ocupações sejam ordenadas por leis; pois as coisas tristes, tornadas habituais, não serão tristes. [2148]*
>
> *Não basta, porém, talvez, alcançar a reta nutrição e cuidado enquanto se é jovem, mas, uma vez feito varão, é preciso ocupar-se com essas mesmas coisas e habituar-se a elas. E acerca disto necessitaremos de leis e, de modo geral, acerca de toda a vida; pois muitos obedecem antes à necessidade do que ao discurso, e à perda do que ao bem. [2150]*
>
> *Por isso alguns legisladores julgam que se deve, por um lado, convocar à virtude e exortar por amor ao bem, na suposição de que hão de obedecer aqueles que, pelos costumes precedentes, se tornaram honestos; e aos desobedientes e mais degenerados aplicar penas e castigos, e aos totalmente incuráveis exterminar de todo. Pois o homem honesto e que vive para o bem obedecerá ao discurso, ao passo que o mau, que apetece o prazer, é punido pela tristeza como um animal de jugo. Por isso também dizem que tais tristezas devem ser as que mais se contrariam aos prazeres inatos. [2151]*
>
> *Se, pois, como foi dito, aquele que há de tornar-se bom deve ser bem nutrido e habituado, e depois viver assim em ocupações diligentes e não praticar coisas más nem contra a vontade nem de bom grado, isto se dará aos que vivem segundo certo intelecto e reta ordem dotada de força. Ora, a admoestação paterna não tem, talvez, nem força coativa nem, de modo geral, o que é próprio de um só homem, a menos que ele seja rei ou algo tal. A lei, porém, tem poder coativo, sendo discurso proveniente de certa prudência e intelecto. [2153]*
>
> *E aos homens odeiam quando se contrariam aos seus impulsos, ainda que os contrariem retamente; a lei, porém, não é onerosa ao prescrever o que é honesto. [2154]*

2137. ***Se, pois, tanto sobre estas coisas*** etc. Depois que o Filósofo determinou sobre o fim da virtude considerado no próprio homem virtuoso, que é o prazer ou a felicidade, aqui determina outro fim que se toma por comparação com o bem comum, mostrando que, além da referida doutrina moral, é necessário que haja outra doutrina positiva da lei, que visa ao bem comum.

E acerca disto faz três coisas:

primeiro, mostra ser necessária a legislação;

segundo, ser necessário que alguém se torne legislador, ali: ***somente entre os lacedemônios*** etc.;

terceiro, mostra como alguém pode tornar-se legislador, ali: ***portanto, depois disto deve-se atender*** etc.

Acerca do primeiro ponto faz duas coisas.

Primeiro, levanta a questão, a saber, se, caso se tenha dito suficientemente em esboço, isto é, tanto quanto se devia dizer de modo típico e figurativo, acerca destas coisas, a saber, das que pertencem à felicidade, e das virtudes, da amizade e do prazer, se deve julgar que nossa escolha tem seu fim e complemento, a escolha pela qual optamos por tratar do bem humano, ou se ainda algo deve ser acrescentado.

2138. Segundo, ali: ***ou, como se diz*** etc., determina a verdade, mostrando que ainda se requer algo mais.

E primeiro mostra que se requer que alguém se torne bom;

segundo, mostra que, para que alguém se torne bom, se requer o costume da boa vida, ali: ***se, pois, os discursos fossem*** etc.;

terceiro, mostra que, para se ter tal costume, se requer a legislação, ali: ***desde jovem, porém*** etc.

Diz, pois, primeiro que o fim da ciência que versa sobre as coisas operáveis não é conhecer e contemplar cada uma, como nas ciências especulativas, mas antes operá-las mesmas. E, porque segundo a virtude somos bons e operadores de bens, não basta, à ciência que visa o bem humano, que alguém conheça a virtude, mas deve-se tentar que alguém a tenha, isto é, segundo o hábito, e a use, isto é, segundo o ato; ou, se alguém estimar que o homem pode tornar-se bom por outro modo que não pela virtude, deve-se tentar ter aquilo.

2139. Em seguida, quando diz: ***se, pois*** etc., mostra que, para que alguém se torne bom, se requer o costume.

E primeiro mostra que, para isso, não basta somente o discurso persuasivo;

segundo, mostra que é necessário o costume, ali: ***é de estimar, porém*** etc.

Diz, pois, primeiro que, se os discursos persuasivos por si sós bastassem para tornar os homens diligentes, seriam devidos a alguém muitos e grandes salários segundo a arte, isto é, segundo a arte de persuadir ao bem, e seria totalmente necessário que grandes recompensas fossem retribuídas aos persuasores. Mas não é assim universalmente:

2140. pois vemos que os discursos persuasivos podem exortar e mover ao bem os jovens liberais, isto é, os que não estão sujeitos aos vícios e às paixões; e os que têm costumes nobres, enquanto são aptos às operações da virtude, e os que verdadeiramente amam o bem podem tornar-se

repletos de virtude e de honra: pois os que estão bem dispostos para a virtude são exortados, por boas persuasões, à perfeição da virtude;

2141. mas muitos dos homens não podem ser exortados ao bem pelos discursos, porque não obedecem ao pudor, que teme a torpeza, mas antes são coibidos pelo temor das penas; pois não se afastam das obras más por causa da torpeza delas, mas por causa das penas que temem; porque, com efeito, vivem segundo as paixões e não segundo a razão, (perseguem os prazeres próprios,) pelos quais as paixões próprias mais crescem neles, e fogem das tristezas contrárias aos prazeres buscados, tristezas que lhes são infligidas pelas penas, mas não compreendem aquilo que é verdadeiramente bom e deleitável, nem sequer podem perceber pelo gosto a doçura dele. Ora, tais homens não podem ser transmutados por nenhum discurso;

2142. pois, para que alguém seja transmutado pelo discurso, requer-se que se proponha ao homem algo que ele aceite; mas aquele a quem o bem honesto não sabe, mas se inclina às paixões, não aceita o que quer que se proponha pelo discurso que induz à virtude. Por isso não é possível, ou pelo menos não é fácil, que alguém possa, pelo discurso, transmutar um homem daquilo que apreendeu (por) antigo costume, assim como também nas coisas especulativas não poderia ser reconduzido à verdade aquele que aderisse firmemente ao contrário dos princípios, aos quais, nas coisas operáveis, correspondem os fins, como foi dito acima.

2143. Em seguida, quando diz: ***é de estimar, porém*** etc., mostra que se requer o costume para que alguém se torne bom. E diz que não devemos contentar-nos só com discursos para adquirir a virtude, mas deve ser-nos muito caro se, tendo mesmo todas as coisas pelas quais os homens parecem tornar-se virtuosos, conseguirmos a virtude.

Acerca do que há uma tríplice opinião:

pois alguns dizem que os homens se tornam bons pela natureza, por exemplo, a partir da compleição natural com a impressão dos corpos celestes;

outros dizem que os homens se tornam bons pelo exercício;

outros, porém, dizem que os homens se tornam bons pelo ensino.

Estas três coisas são, de algum modo, verdadeiras:

2144. pois também a disposição natural contribui para a virtude, segundo o que foi dito no sexto livro, que alguns, logo desde o nascimento, parecem corajosos ou temperantes segundo certa inclinação natural; mas tal virtude natural é imperfeita, como ali mesmo foi dito, e para a sua perfeição exige-se que sobrevenha a perfeição do intelecto ou da razão, e por isso se exige o ensino, o qual bastaria se a virtude consistisse somente no intelecto ou na razão, segundo a opinião de Sócrates, que sustentava ser a virtude uma ciência; mas, porque se requer para a virtude a retidão do apetite, é necessário, em terceiro lugar, o costume pelo qual o apetite se incline ao bem.

2145. Mas aquilo que pertence à natureza é manifesto que não está em nosso poder, mas provém aos homens de alguma causa divina, por exemplo, da impressão dos corpos celestes quanto à

disposição do corpo humano, e do próprio Deus, que é o único que está acima do intelecto, quanto a isto: que a mente do homem seja movida ao bem; e por isso os homens são verdadeiramente afortunados, porque, por causa divina, se inclinam ao bem, como fica claro no capítulo Da boa fortuna.

2146. Ora, foi dito acima que o discurso e o ensino não têm eficácia em todos, mas é preciso que, para que tenham eficácia em alguém, a alma do ouvinte esteja preparada, por muitos bons costumes, para se alegrar com os bens e para odiar os males, assim como também é preciso que a terra esteja bem cultivada para que nutra a semente; pois assim se acha o discurso ouvido na alma como a semente na terra. Pois aquele que vive segundo a paixão não ouvirá de bom grado o discurso de quem o admoesta, nem sequer o compreenderá, de modo que julgue ser bom aquilo a que é induzido; por isso não pode ser persuadido por ninguém.

2147. E, para falar universalmente, a paixão que, firmada pelo costume, domina no homem, não cede só ao discurso, mas é preciso empregar a violência, isto é, que o homem seja compelido ao bem. E assim fica claro que, para que o discurso de quem admoesta tenha eficácia em alguém, é preciso que preexista o costume pelo qual o homem adquira o caráter próprio da virtude, isto é, que ame o bem honesto e abomine o torpe.

2148. Em seguida, quando diz: ***desde jovem, porém*** etc., mostra que, para o bom costume, se requer a legislação.

E primeiro mostra que, pela lei, todos se tornam bons;

segundo, mostra que isto, sem a lei, não pode convenientemente fazer-se, ali: ***se, pois, como foi dito*** etc.

Acerca do primeiro ponto faz duas coisas:

Primeiro, mostra o que se propõe;

segundo, aduz para isso certo sinal, ali: ***por isso julgam*** etc.

Acerca do primeiro ponto faz duas coisas:

primeiro expõe o seu propósito quanto aos jovens;

segundo, quanto aos demais, ali: ***não é suficiente, porém*** etc.

Diz, pois, primeiro que é difícil que alguém, desde a própria juventude, seja conduzido à virtude segundo bons costumes, a não ser que seja criado sob boas leis, pelas quais certa necessidade é imposta ao homem para o bem.

2149. Com efeito, que alguém viva com temperança, abstendo-se, isto é, das coisas deleitáveis, e com perseverança, de modo a não se afastar do bem por causa das fadigas e das tristezas, não é deleitável para muitos homens e especialmente para os jovens, que são propensos aos prazeres, como foi dito no livro sétimo. E por isso é preciso que a criação das crianças e as suas invenções,

isto é, os modos de agir que os homens inventam, sejam ordenados por boas leis, pelas quais de certo modo os jovens sejam compelidos a se acostumar às coisas boas, as quais, quando já se tornaram hábito, não serão tristes, mas antes deleitáveis.

2150. Depois, quando diz: ***não é suficiente, porém*** etc., mostra que também os demais precisam de legislação. E diz que não basta que os homens sejam bem criados segundo as leis somente enquanto são jovens e que deles se tenha bom cuidado, mas também, depois que alguém se tornou homem adulto, é preciso que invente modos honestos de agir e que se acostume a tais coisas. E para isso precisamos de leis, e não somente no início, isto é, quando alguém começa a tornar-se homem adulto, mas também universalmente por toda a vida do homem; pois muitos são os que mais obedecem à necessidade, isto é, à coação, do que à palavra, e mais obedecem ao prejuízo, isto é, ao dano em que incorrem pelas penas, do que ao bem honesto.

2151. Depois, quando diz: ***por causa do que julgam*** etc., apresenta certo sinal em favor do propósito. E diz que, porque para a boa vida do homem se requer a necessidade imposta pela lei, disso vem que alguns legisladores julgam que é preciso convocar os homens à virtude, de modo, isto é, que os virtuosos, que por sua própria vontade obedecem às coisas honestas por meio dos costumes precedentes, sejam estimulados pelo bem, por exemplo, mostrando-lhes a honestidade daquilo que se lhes propõe; mas aos que são desobedientes e têm costumes degenerados aplicam penas corporais, por exemplo, açoites e diversas punições, censurando-os e prejudicando-os em seus próprios bens; já aqueles que são totalmente incuráveis, os eliminam, como quando enforcam o ladrão.

2152. E isso porque o virtuoso, que ordena a sua vida para o bem, obedece somente à palavra pela qual o bem lhe é proposto, mas o homem depravado, que deseja o prazer, deve ser punido pela tristeza ou pela dor, como um animal de carga, isto é, como o asno é conduzido pelos açoites. E disso vem que, como dizem, é preciso aplicar tais tristezas que se oponham ao máximo aos prazeres amados; por exemplo, se alguém se embriagou, que se lhe dê água para beber.

2153. Depois, quando diz: ***se, portanto, como foi dito*** etc., mostra que a lei é necessária para que o homem se torne bom. E isso por duas razões. A primeira delas é que é preciso que aquele que há de ser bom seja bem criado e se acostume, e que depois viva segundo as invenções dos retos modos de agir, de tal maneira que se abstenha das coisas depravadas, seja por sua própria vontade, seja mesmo contra a sua vontade, coagido; o que de fato não acontece a não ser que a vida do homem seja dirigida por algum intelecto que tenha tanto a reta ordem para conduzir ao bem quanto a fortaleza, isto é, a força coativa, para compelir os que não querem. Ora, essa força coativa não a tem o preceito paterno nem o de qualquer outro homem que persuade e que não seja rei ou constituído em algum outro principado. Mas a lei tem potência coativa, enquanto é promulgada pelo rei ou pelo príncipe, e é palavra que procede de certa prudência e intelecto que dirige ao bem. Donde é evidente que a lei é necessária para tornar os homens bons.

2154. Apresenta a segunda razão ali: ***e dos homens, de fato*** etc. E diz que os homens que querem contrariar os impulsos de alguém são odiados por aquele a quem contrariam, ainda que façam isso retamente, pois se julga que fazem isso por algum mau zelo; mas a lei, que prescreve as coisas honestas, não é onerosa, isto é, pesada ou odiosa, porque é proposta em comum. Donde resta que a lei é necessária para tornar os homens bons.

Revision #2
Created 11 October 2026 19:08:01 by Admin
Updated 17 October 2026 13:47:22 by Admin